

Acurizal vista com a mente (Parte I)

Categories : [Rastro de Onça](#)

Depois de um período de silencio, desde a [última matéria publicada no blog](#), em 09/07/2014, segue mais um texto, agora escrito por Allison Devlin, bióloga norte-americana que está fazendo o seu projeto de doutorado sobre as onças-pintadas do Pantanal. Para que ela pudesse se sentir mais à vontade para escrever, eu pedi que o fizesse inicialmente em Inglês, depois eu traduzi o artigo, da forma mais fiel possível, preservando o seu estilo próprio de escrever. Para melhor acomodar as ricas informações que ela nos passa, eu dividi a matéria, mais uma vez, em dois textos. Na primeira, conforme ela mesma colocou, ela escreve “com a mente”, apresentando dados sobre a metodologia usada no projeto e os aspectos estudados. A segunda parte, a ser publicada na semana que vem, ela escreve “com o coração”, contando suas vivências pessoais, ocorridas durante o tempo que ela tem permanecido em campo, em Acurizal, convivendo e aprendendo com as onças.

Antes de passar a palavra para ela, no entanto, aproveito para contar um episódio que mostra o que é conviver com as onças, literalmente, no seu quintal. Quanto chegamos em Acurizal, agora no dia 14 de julho, vi que havia um casal de caseiros novos, Claudinei e Malvina, e que eles tinham três cachorros de porte pequeno a médio. Perguntei se eles estavam fechando os cachorros dentro de casa, durante a noite, ao que eles responderam que não, pois “o patrão não deixava”. Eu os avisei que, desta forma, eles não durariam muito, pois fatalmente iriam atrair uma onça, que nessa região tem uma predileção por cachorros, e tem o hábito de vir buscá-los junto às casas. Eles não acreditaram muito no que falei, e deixaram os cachorros para fora. Pois não é que na noite seguinte a Allison acordou com os gritos da Malvina e com um alvorço junto à casa dos caseiros? distante uns 100 metros da casa da pesquisa, onde estávamos hospedados. Dormindo em um quarto do outro lado da casa, não escutei nada, e só de manhã cedo foi que a Allison me contou que foi verificar o que estava acontecendo e a Malvina, aos prantos, disse que a onça quase tinha levado o cachorro predileto dela! Na verdade, os três cachorros só se salvaram porque a onça se atrapalhou com as cadeiras que estavam na varanda e eles conseguiram fugir para o mato, só voltando quando os seus donos os chamaram. A partir desse dia, os cachorros foram trancados em um quarto seguro durante a noite. Apesar do susto, acho que entenderam que eles é que estão morando “na casa da onça” e, portanto, são eles que tem a responsabilidade de tomar medidas que não permitam ou incentivem a aproximação excessiva desses animais nas suas casas. Só assim, com uma boa disposição das pessoas que convivem com “elas”, é que as onças vão poder continuar existindo fora das áreas protegidas.

E agora, segue o texto da Allison:

Acurizal: Passado e Presente

Água encontra montanha que encontra céu. O canto oeste mais extremo da maior área alagadiça do mundo, o Pantanal, é remoto, com uma beleza de tirar o fôlego e abriga uma riqueza impressionante de plantas e animais. A Serra do Amolar, a coroa do Pantanal, está localizada em uma região regida pelo subir e descer das águas dos rios Paraguai e Cuiabá. Aninhada na base das montanhas e limitada pelo rio Paraguai, Acurizal é rica em história natural e cultural.

Aproximadamente um terço dos seus 137 km² é composto de baías, um terço de terras planas e vales e um terço de encostas e picos da serra do Amolar. Como muitos outros locais do Pantanal, Acurizal foi uma fazenda de pecuária. Aqui, no final da década de 70, foi conduzido o [primeiro estudo da onça-pintada, por George Schaller e Peter Crawshaw](#). Agora uma reserva particular do patrimônio privado (RPPN), Acurizal está em um período de transição. Inicialmente manejada pela Fundação Ecotrópica, desde a sua compra em conjunto com a TNC-Brasil (The Nature Conservancy), a prioridade era a preservação e a recuperação de sua vegetação, depois dos anos de pecuária.

Em anos recentes, os estudos das onças tem continuado sob a coordenação do Dr. Crawshaw. As campanhas para captura de animais para colocação de colares GPS até o momento resultaram em dados críticos coletados nos movimentos e seleção de habitat dos diferentes indivíduos aparelhados. Esses dados fornecem aos biólogos e às pessoas responsáveis pelo manejo de áreas protegidas informações importantes de como melhor garantir a proteção da onça-pintada, incluindo aspectos da legislação necessária para atingir esses objetivos. Por esse motivo, estudos de campo devem ser guiados por perguntas com objetivos claros e executados com técnicas tradicionais rigorosas e os métodos mais atualizados disponíveis. Dessa forma, pesquisadores podem desenvolver projetos eficientes que produzem uma riqueza de dados, enquanto permitindo tempo para novas atividades exploratórias em campo.

Foi com essa visão em mente que o atual [Projeto Onça-Pintada do Pantanal](#) foi planejado, em uma colaboração entre o [ICMBio](#), o [CENAP/ICMBio](#), o [Instituto Pró-Carnívoros](#), a [Fundação Ecotrópica](#) e a Fundação Panthera. O objetivo é estudar e proteger as onças-pintadas ao longo do corredor do rio Cuiabá, estendendo para todo o Pantanal. Para isso, estamos usando dados coletados através de colares GPS, levantamentos realizados com armadilhas fotográficas e análises genéticas para procurar entender a dinâmica das populações dessa espécie nesta região única, incluindo a RPPN Acurizal. Esses objetivos formam o tema da minha tese de doutorado, em andamento na Faculdade de Ciências Ambientais e Florestais da Universidade Estadual de Nova York, SUNY (Syracuse, NY, EUA).

VHF e Colares GPS

No final da década de 70, os Drs. Schaller e Crawshaw capturaram, aparelharam e monitoraram duas onças-pintadas adultas na fazenda Acurizal e na vizinha Bela Vista do Norte. Os colares consistiam de um conjunto de bateria e transmissor VHF (do inglês *Very High Frequency*), que emitia um sinal de 'beep' escutado apenas através de um canal específico, por um receptor. O

animal usando o colar podia então ser seguido utilizando-se o receptor e uma antena direcional. Para se obter mesmo uma simples localização no animal eram necessárias horas de caminhada através de riachos, morros, e vegetação densa. Os desafios do monitoramento com o sistema VHF ainda aumentam quando o animal está em movimento, fazendo com que o sinal se torne inconsistente, entrando e saindo do campo de detecção do equipamento. Outros fatores que ainda dificultam a recepção do sinal são: vegetação muito fechada, deflecção do sinal em encostas de morros e montanhas, e condições do tempo.